

HOMENS VAQUEIROS E ESCRAVIZADOS NOS SERTÕES DE PASTOS BONS: FRANCISCO, JOÃO E MANOEL.

O processo de colonização do território maranhense foi realizado de duas formas: no norte houve a implantação da agroexportação, com forte presença do Estado português, amparado no emprego da mão de obra escravizada negra, chamado de frente de expansão litorânea. Já no sul-maranhense, a conquista do território tomou outros rumos. Lá foi realizada por vaqueiros vindos da Bahia e Pernambuco, tangendo suas boiadas e formando currais, que eram administrados por eles e seus filhos, homens livres e “brancos”. A colonização desse vasto território foi possível graças à expansão pastoril. Sobre a participação de escravizados no trabalho cotidiano das fazendas sul-maranhenses, a professora Socorro Cabral (1992, p.106) afirma que

O trabalho escravo e o livre foram utilizados com frequência. Ao que parece, os escravos desempenhavam função subalterna atribuída aos fábricas. Em nenhuma fonte consultada encontramos referência a vaqueiros escravos, o que nos leva a sugerir que os vaqueiros eram sempre recrutados entre os trabalhadores livres.

Criou-se a ideia de uma identidade regional sul-maranhense construída a partir da figura do vaqueiro, repito, visto como homem livre e “branco”. É preciso aprofundar as investigações sobre a sociedade sertaneja construída ao longo das margens dos rios sul-maranhenses durante seu processo de conquista. Problematicar a ideia da existência de uma única narrativa para se compreender o processo de formação daquela

sociedade, que não foi obra apenas de uma classe social (CABRAL, 1992, p.166).

Nas análises feitas no corpus documental que disponho, surgiram fragmentos de histórias que podem nos ajudar a compreender os espaços em branco construídos há tempos pela historiografia maranhense sobre as relações entre livres, libertos e escravizados , que juntos formaram aquela sociedade (GINZBURG, 2002, p.100-117). O sertão daqueles sujeitos era múltiplo e dinâmico. Homens e mulheres escravizados assumiram funções que em alguns casos, não só relativizavam, mas também invertiam a ordem das coisas. Dentro da construção dos espaços sociais que eram forjados naquela realidade, a trajetória de cada escravizado. O sertanejo sul-maranhense, muitas vezes, deslocou as hierarquias, criou espaços de fuga e no limite de liberdade. Alguns cativos conseguiram subverter as normas e os modelos pré-estabelecidos, e, assim, ressignificaram as relações construídas entre si e com os livres e libertos .